NOSSOS MESTRES

Uma revolução na universidade



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

> "O Brasil sempre foi um país que produziu racismo. Acho que a sociedade custou a entender isso"

Professor que acompanhou o processo de implementação das cotas raciais na UnB e no país, Nelson Inocêncio conta como a luta contra o racismo guiou sua carreira e produção artística

» MARIANA NIEDERAUER

As lutas do movimento negro transparecem na pele e na história do professor Nelson Inocêncio. Brasiliense da primeira geração, apaixonado pela Universidade de Brasília (UnB), onde trabalha há 30 anos, ele viu a evolução da luta contra o racismo a cada episódio que guiou uma evolução alcançada com suor e sofrimento na instituição.

Para tentar explicar todas essas relações, ele começa do começo: "Eu sou um homem negro fruto de uma relação de duas pessoas negras de classe média. Meus pais eram servidores de tribunais aqui em Brasília". A mãe, Jurema, que morreu em 2018, veio com o marido para Brasília em 1960, transferida do Rio de Janeiro. "Chegou grávida de mim", relata Nelson. "Ela era um quadro do Tribunal de Contas da União. Meu pai trabalhava no Açúcar União, no Rio de Janeiro, pediu demissão e veio para Brasília tentar a vida. Aqui se tornou servidor do Tribunal de Contas do Distrito Federal", contextualiza o professor. "Mamãe convenceu papai: 'Vamos pra Brasília que vai dar tudo certo'. E ele veio."

O casal já tinha três filhas. Nelson é o quarto e nasceu em 1961, no então Hospital Distrital — hoje Hospital de Base. Depois dele, vieram o caçula e dois filhos adotivos. "Eu sou brasiliense da primeira geração", orgulha-se. "Eu quero dizer com isso que eu sou uma pessoa negra privilegiada. Porque, para mim, a questão de renda não era uma questão. Isso não quer dizer que eu estivesse livre do racismo", explica. "Nós tínhamos um padrão de vida muito bom. Moramos bem, no Plano Piloto, 306 Sul, em apartamento que era propriedade dos meus pais."

Em 1969, no entanto, a família se muda novamente para o Rio. É lá que Nelson passa parte da infância e a adolescência, entre a capital carioca e Niterói. Em meados dos anos 1970, os pais se separam e a mãe volta para a capital federal com os dois filhos mais novos em 1977. "Daí eu fiquei, nunca mais saí de Brasília. Terminei aqui o ensino médio. Estudei no Objetivo, que naquela época era considerado o 'top' das escolas", lembra Nelson.

Inocêncio foi aprovado no primeiro vestibular que prestou para a Universidade de Brasília. "Entrei aqui, para este departamento", diz, apontando as mãos para as paredes do Instituto de Artes (IDA). Antes mesmo da estreia na instituição, porém, já começava a trilhar o caminho no ativismo negro. "Muito jovem, com 17 anos, participei do processo que resultou na criação da primeira entidade negra do Distrito Federal, que era o Centro de Estudos Afrobrasileiros, ficava lá no Edifício Brasília Rádio Center."

Mudança dentro de casa

Alguns momentos-chave levaram o professor ao despertar da consciência racial. "Eu fui provocado", diz ele. "Primeiro pela minha irmã Elaine, que já faleceu.